

Temporada 2023/2024 – *Um Chão Comum*
Ópera
Grande Auditório
Domingo, 19h00
M/6

30 jun
2024

Dom Garcia Cantata cénica de Joly Braga Santos

Música
Joly Braga Santos
(Centenário 1924–2024)

Poema
Natália Correia
(Centenário 1923–2023)
David Mourão-Ferreira



CCB

Comissão de Honra das Récitas da Cantata Cénica *Dom Garcia*

Sua Excelência O Presidente da República,
Marcelo Rebelo de Sousa – Presidente da Comissão de Honra

Sua Excelência o antigo Presidente da Assembleia da República,
João Bosco Mota Amaral

Excelentíssimo Senhor Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública,
Luís Miguel Ribeiro Carrilho

Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa,
Luís Manuel dos Anjos Ferreira

Excelentíssima Senhora Presidente da Fundação Centro Cultural de Belém,
Francisca Carneiro Fernandes

Excelentíssimo Senhor Presidente da Fundação Minerva
– Cultura, Educação e Investigação Científica,
João Redondo

Excelentíssima Senhora Gabriela Canavilhas

Excelentíssima Senhora Helena Roseta

Exma. Senhora Piedade Braga Santos

Exma. Senhora Isabel Barge

Maestro António Victorino d'Almeida

Maestro Álvaro Cassuto

Maestro Alexandre Delgado

Exmo. Senhor Paulo Ferreira de Castro

Exmo. Senhor João Pereira Bastos

Exmo. Senhor António Wagner Dinis

Exmo. Senhor Fernando Dacosta



DOM GARCIA

cantata cénica

música
JOLY BRAGA SANTOS
(CENTENÁRIO - 1924-2024)

poema
NATÁLIA CORREIA
(CENTENÁRIO - 1923-2023)
DAVID MOURÃO-FERREIRA

Dom Garcia

Música de **Joly Braga Santos**
(centenário do nascimento:
1924-1988)

Poema de **Natália Correia** (1923-1993)
e **David Mourão-Ferreira** (1927-1996)

Cantigas de amigo **Airas Nunes,**
Martin Codax

Direção musical **António Costa**

Banda Sinfónica da Polícia
de Segurança Pública

Direção do coro

Jorge Carvalho Alves

Coro Sinfónico Lisboa Cantat

Encenação **Fernando Gomes**

Assistente de encenação **Nicolás Isasi**

Coreografia **Catarina Moreira**

Elementos cénicos **Luís Vieira-Baptista**

Figurinos **Maria Gonzaga**

Guarda-Roupa **Peris Costumes**

Iluminação **Pedro Leston**

/Leston Design

Som **Jorge Barata**

Revisão de texto **Teresa Machado**

Atores

Dom Fernando **José Raposo**

Dom Garcia **Mário Redondo**

Dom Afonso **Ricardo Raposo**

Dom Sancho **Pedro Saavedra**

Dona Urraca **Leonor Seixas**

Dona Elvira **Sara Belo**

Anjo **Mariana Pereira**

Mensageiro **Pedro Saavedra**

Cantores

Jogral **Marco Alves dos Santos** Tenor

Virgem **Bárbara Barradas** Soprano

Três avelaneiras **Filipa Passos** Soprano

Sara Afonso Soprano

Rita Morão Tavares Contralto

Bailarinos

Afonso Minderico, Beatriz Giménez,

Catarina Teles, Diogo Medeiros,

Ema Amaral, Henrique Palma,

Leonor Santos, Lucas Rodrigues,

Manuel Salgado, Rita Pinto,

Rafaela Ferreira, Rúben Santos

Documentário **Nicolás Isasi** (realizador)

António Cristo (câmaras e edição)

Fotografia **Vitor Cordeiro**

Design gráfico **Danuta Wojciechowska**

– **Lupa Design**

Conselheiro financeiro

Paulo Louro Rodrigues

Conselheiro jurídico **João de Brito**

Direção de produção

Paulo Enes da Silveira

Produção

Ana Enes, Paula Coelho

Ass. de Produção

Ana Luísa Novais, Filipa Cruz,

José Maciel, Joana Almeida,

Carolina Costa, Inês Teixeira,

Joana Zagalo

Conferencistas

Maestro António

Victorino d'Almeida,

Maestro Alexandre Delgado

Coprodução Centro Cultural de Belém, ARTPRODES – Artistic Productions Enes da Silveira

Parceiros

Fundação Centro Cultural de Belém

Fundação Minerva, Cultura, e Educação e Investigação Científica
– Universidades Lusíada

Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

Câmara Municipal de Lisboa

Câmara Municipal de Santarém

Junta de Freguesia de Alvalade – Aula Magna

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública

Escola de Dança do Conservatório Nacional

CISTERMÚSICA Festival

Casa do Artista – APOIARTE

Casa do Coreto – Lua Cheia teatro para todos

MIL – Movimento Internacional Lusófono

OLP – Observatório de Língua Portuguesa

Agradecimentos

Sua Excelência O Presidente da República Portuguesa

– Presidente da Comissão de Honra das Récitas *Dom Garcia*,

Associação Musical Lisboa Cantat,

Escola de Música do Conservatório Nacional,

AZOREAN CULTURE-AMLAC,

Cardoso & Conceição-Comércio de Instrumentos musicais,

RussoMúsica-Instrumentos Musicais,

João de Brito Advogados,

Cálculo Majestoso,

João Pereira-Cópia Digital de Partituras,

RTP Antena 2.

Próximas apresentações de *Dom Garcia* em Portugal:

Cistermusica (Festival, Alcobaca) **7 de julho**

Aula Magna (Lisboa) **29 de setembro**

Cinema (Santarém) **5 de outubro**



ARTPRODES
Artistic Productions Enes da Silveira
(Producers)



Associação Musical
Lisboa Cantat



LISBOA
Câmara Municipal



ALVALADE
Junta de Freguesia



DOM
GARCIA
cantata cénica

direção
JOLY BRAGA SANTOS
encenação
NATALIA CORREIA
assistente de direção
DAVID MOURÃO FERREIRA

Apresentação de *Dom Garcia*

Em 1971, António Barge, médico de Vilar de Mouros, encomendou a três grandes vultos da cultura portuguesa uma obra emblemática para a inauguração do Festival de Vilar de Mouros: a Cantata Cénica *Dom Garcia*. Joly Braga Santos foi o compositor. Natália Correia e David Mourão-Ferreira, autores do Poema-Libreto. A referida obra foi composta para banda sinfónica, coro sinfónico, cinco solistas cantores e oito declamadores. Esta grandiosa Cantata é inspirada na história de D. Garcia e seus quatro irmãos (D. Sancho, D. Afonso, D. Urraca e D. Elvira), filhos do Rei D. Fernando de Castela, e decorre antes da formação do Reino de Portugal. A trama desenvolve-se em torno da desavença entre os irmãos, assim que o pai anuncia a divisão do reino. São, então, entre eles travadas lutas fratricidas que culminam com o cativo de D. Garcia, no Castelo de Luna, local onde se presume tenha vindo a sucumbir. A memorável estreia desta obra esteve a cargo da Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, sob a batuta do Maestro Silva Dionísio. Nos dias 15 e 16 de Julho de 2005, depois de um silêncio de trinta e quatro anos, a Cantata Cénica D. Garcia voltou à cena, com a orquestra e coros do Conservatório Nacional e com as colaborações do Coro do Instituto Gregoriano, da Escola Superior de Música de Lisboa e da Escola Superior de Teatro e Cinema, sob a direção do Maestro António Costa. Este concerto foi realizado no Teatro Camões, em Lisboa, aquando do encerramento das celebrações dos 170 anos do Conservatório Nacional, tendo o seu êxito merecido destaque em várias críticas de jornais da época. De salientar, a de Bernardo Mariano, no Diário de Notícias, e a do Maestro Manuel Ivo Cruz, no Jornal de Notícias. Da primeira, transcreve-se a seguinte apreciação: “Não só a obra se revelou extremamente bem escrita para instrumentos e vozes e timbricamente muito sedutora, como a sua interpretação foi igualmente de muito bom nível, cabendo o destaque ao excelente grau de preparação evidenciado pela orquestra e pelos coros”. Do artigo escrito pelo Maestro Manuel Ivo Cruz, sublinha-se a sugestão dada pelo autor: “... a Cantata ‘D. Garcia’ é tão importante no património cultural português, que o seu registo bem merece figurar no catálogo de edições discográficas dedicadas aos nossos valores – não só pela invulgar categoria dos Autores e conseguida afirmação de autêntica Obra de Arte, mas também pela alta qualidade dos jovens artistas que agora a revelaram.” A Cantata foi igualmente apresentada, em 2010, no Concerto Sons da Água (Paradinha, Arouca) e, em 2017, na Escola Superior de Música de Lisboa. A propósito dos centenários de nascimento de Natália Correia (em 2023) e de Joly Braga Santos (em 2024) e levando em linha de conta a relevância das palavras do Maestro Manuel Ivo Cruz, era, pois, de elementar e merecida justiça a realização de récitas comemorativas para apresentação desta considerada belíssima Cantata, sem se esquecer a possibilidade da concretização de uma edição discográfica, de modo a que não se deixe extinguir da memória coletiva esta rara e única ocasião que logrou agregar três grandes vultos da cultura portuguesa do século XX.

Joly Braga Santos (1924–1988)

Compositor português, José Manuel Joly Braga Santos nasceu em Lisboa. Com um talento musical inato, começou a ouvir música muito cedo, ainda com tenra idade. Adorava que lhe oferecessem instrumentos musicais e o seu pai, apercebendo-se da sua vocação, levava-o aos concertos e à ópera. Aos cinco anos, teve o seu primeiro contacto com o violino. A sua paixão por este instrumento parecia conduzi-lo inevitavelmente a uma carreira de violinista profissional. Chegou a estudar violino e composição no Conservatório de Lisboa, tendo como professor Luís de Freitas Branco. Como o seu aluno mais talentoso, Joly foi evidentemente influenciado pelo seu tutor. Ainda jovem, e impossibilitado de aceder a outras culturas musicais pelo clima de guerra em que se vivia, Joly inspirou-se nas mais puras raízes musicais portuguesas, tendo como referência a obra do seu mestre. Deste período resultaram as suas primeiras quatro sinfonias. Conseguiu uma bolsa para estudar musicologia, composição musical e direção de orquestra em Itália. Aí teve aulas com Virgílio Mortari, Gioachino Pasqualini, Alceo Galliera e Hermann Scherchen, cujo Curso Internacional de Regência frequentou com Luigi Nono e Bruno Maderna. Regressou a Portugal, onde atingiu lugar de destaque na direção de orquestra, passando a compor bastante menos do que habitualmente. Em 1965, começou a compor a *Quinta Sinfonia*, aquela que seria a sua mais famosa obra. O seu contacto com a cultura europeia, enquanto estudante em Itália, fez Joly ficar familiarizado com uma nova tendência musical, resultante do pós-guerra. Assim, neste período, compôs a ópera *Trilogia das Barcas*, obra caracterizada por uma aspereza não muito sua, fruto das influências europeias. Joly Braga Santos ocupou vários cargos ao longo da sua extensa carreira, entre os quais diretor da Orquestra Sinfónica do Porto, maestro assistente e de captação da Orquestra Sinfónica da RDP e professor de Composição do Conservatório Nacional de Lisboa. Em 2024, a Cantata Cénica *Dom Garcia* comemora o centenário do seu nascimento.

Natália Correia (1923–1993)

Poetisa, ficcionista, autora dramática e ensaísta, natural dos Açores, facto que levou a insularidade a tornar-se uma linha de força presente em todo o seu percurso literário. Realizou estudos secundários em Lisboa. Figura marcante da cultura e da literatura portuguesas contemporâneas, Natália Correia distinguiu-se também pela sua atividade política, tendo exercido, com a mesma irreverência que pauta toda a sua existência, o cargo de deputada. Escritora que manteve uma posição de independência relativamente a modelos e movimentos literários, embora seja, mesmo aceitando que são poucos os «exemplos que podemos colher na sua poesia de uma aproximação da sua parte a procedimentos estilísticos típicos dos surrealistas», frequentemente associada ao Surrealismo, «pela defesa de um estatuto de altiva insubmissão para o poeta, pela identificação com as tradições culturais marginalizadas pelos poderes instituídos ao longo dos

tempos» e «pela acentuação da dimensão mágica da poesia». A compreensão da literatura como ato de rebeldia e de insubmissão face a todos os poderes instituídos e institucionalizados (inclusivamente o literário), nutre, assim, uma expressão poética imaginativa e sugestiva pelo seu poder de metaforização, impetuosa, ditirâmbica e cósmica, alimentada pela visceral revolta contra o homem «funcionário / da sua adiada escória». A busca de uma voz pura e liberta, anterior ou à margem de conceptualizações redutoras e de acomodações burguesas, resulta num diálogo intertextual com uma tradição literária que vai da lírica galego-portuguesa («sagrada raiz do nosso lirismo»), até ao mergulho, através da «sofreguidão ôntica do soneto», na arte poética romântica (*Sonetos Românticos*), e até ao diálogo intertextual com Camões ou Pessoa, na busca de um sentido para o devir da nação portuguesa. Buscando uma «Poesia em cuja ânfora o mundo / recolhe o pólen da sua idade de ouro», Natália Correia entende, deste modo, «a poesia como substância mágica desorbitada da sua funcionalidade primitiva, que o poeta desespera por restituir à sua natureza orgânica primordial, a fim de a tornar eficaz na recriação do mundo». Pela sua ousadia verbal e temática Natália Correia foi impedida de publicar algumas das suas obras durante o regime salazarista, como é o caso das peças *A Pécora* e *O Encoberto*, violentas desmistificações de alguns dos mitos nacionais, onde o lirismo e a sátira se fundem no poder exorcizante da palavra.

David Mourão-Ferreira (1927-1996)

Escritor português, nasceu em Lisboa. Licenciou-se em Filologia Românica em Lisboa, onde chegou a ser professor catedrático, organizando e regendo, entre outras, a cadeira de Teoria da Literatura. Da sua obra poética, cuja poesia se distingue pelo lirismo culto, depurado e subtil, destacam-se os seguintes livros: *A Secreta Viagem*, *Do Tempo ao Coração*, *Cancioneiro do Natal*, *Matura Idade* e *Ode à Música*. Foi secretário de Estado da Cultura, diretor do diário *A Capital*; diretor do Boletim Cultural do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian; diretor da revista *Colóquio/Letras*; presidente da Associação Portuguesa de Escritores e vice-presidente da Association Internationale des Critiques Littéraires. A sua obra reparte-se pela poesia; pela crítica literária, como *Os Ócios do Ofício*, *Vinte Poetas Contemporâneos*, *Hospital das Letras* ou *Lâmpadas no Escuro*; pelo ensaio; pela tradução; pelo teatro; pelo romance; e também pelo jornalismo. Embora os seus primeiros poemas datem de meados dos anos 1940, a sua atividade poética começou a ganhar relevo quando foi codiretor, a par com António Manuel Couto Viana e Luís de Macedo, da revista *Távola Redonda* (1950-1954), que, sem apresentar programa ou manifesto, se orientava para uma alternativa poética à poesia social, baseada na «revalorização do lirismo», exigindo ao poeta «autenticidade e um mínimo de consciência técnica, a criação em liberdade e, também, a diligência e capacidade de admirar, criticamente, os grandes poetas portugueses de gerações anteriores a 1950». Foi no primeiro volume da coleção de poesia

da *Távola Redonda* que publicou a sua primeira obra poética. No poema *Dos Anos Quarenta*, relembra leituras nessa etapa de iniciação poética: Proust, Thomas Mann, Rilke, Apollinaire, a «constelação pessoana», Álvaro de Campos, «E Régio Miguéis Nemésio», bem como as circunstâncias que rodearam essa descoberta, como «despertar do deus Eros», a guerra, a queda dos fascismos e a perseverança da ditadura salazarista. A obra de David Mourão-Ferreira foi várias vezes reconhecida com: Prémio de Poesia Delfim Guimarães, 1954, para *Tempestade de verão*; Prémio Ricardo Malheiros, 1960, para *Gaivotas em Terra*; Prémio Nacional de Poesia, 1971, para *Cancioneiro de Natal*; Prémio da Crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários para *As Quatro Estações*; e, para *Um Amor Feliz*, os prémios de Narrativa do Pen Clube Português, D. Dinis, de Ficção do Município de Lisboa e o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Ao autor foi ainda atribuído, em 1996, o Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores.

DOM GARCIA

(Cantata Cénica)

NOTA: A publicação deste texto é, a nosso conhecimento, inédita. Até hoje apenas foram distribuídas cópias deste poema-libreto, a quem necessitava de o consultar. Foi sujeito a múltiplas revisões, segundo consultas a variada documentação, em particular, à partitura original, manuscrita pelo compositor Joly Braga Santos.

Elenco:

Coro misto

Orquestra

Cinco solistas:

A voz de uma virgem (Soprano)

Jogral (Tenor)

Três avelaneiras (Soprano,
Soprano e Contralto)

Oito narradores:

Dom Fernando

Dom Garcia

Dom Afonso

Dom Sancho

Dona Urraca

Dona Elvira

Mensageiro

Anjo

Música

Joly Braga Santos

Libreto

Natália Correia

e David Mourão-Ferreira

Cantigas de amigo

Airas Nunes,

Martin Codax

Poema-libreto

1.ª parte

Coro

(cantado)

- Ah!

Ó reinar cheio de enganos!

Ó enganoso reinar!

Olhos que te viram ir

não mais te verão voltar!

(Repete três vezes alternando
com a Soprano)

Soprano

(cantado)

- Um corvo poisou na pauta
da tua canção de amigo
e emudeceram as falas
das ondas do mar de Vigo

Foi teu luar a Galiza
o teu sol Portugal
duas feridas no teu peito,
qual delas a mais mortal

De tormenta foi teu reino
de tempestade o teu manto
Rei Garcia, ai Rei Garcia
tudo se transforma em pranto

Interlúdio orquestral

(Contrastando com o pranto
coral, irrompe uma música alegre,
saltitante e burlesca, sublinhando
a entrada de malabaristas,
saltimbancos, que fazem dançar
ursos, bailarinas, etc. Ambiente de
romaria.)

Bailada das avelaneiras

(Soprano 1, Soprano 2 e Contralto)
(cantado)

- Bailemos nós todas três, ai amigas,
debaixo destas avelaneiras floridas
e quem for bonita como nós bonitas,
se amigo amar,
debaixo destas avelaneiras floridas
virá bailar.

Bailemos nós todas três, ai irmãs,
sob este ramo florido de avelãs
e quem for louça como nós louças,
se amigo amar.

Sem mais cuidados, bailemos
amorosas,
debaixo destas avelaneiras frondosas
e quem formosa como nós formosas,
se amigo amar,
debaixo destas avelaneiras frondosas
virá bailar.

Airas Nunes

(traduzido do galaico-português)

(Após a bailada, a música readquire
o colorido da romaria, que se
exacerba quando entra o Jogral. Este
canta o romance de Dom Garcia
acompanhado por música do género
medieval.)

Jogral

(cantado)

- Enfermo, o Rei de Castela
em cama de prata estava,
de quanta riqueza tinha,
só a alma lhe restava.

A alma entregava a Deus,
o reino aos filhos deixava
Enfermo, em cama de prata
o Rei Fernando jazia.

Os reinos que acumulara
pelos filhos repartia

que a morte que já rondava
melhor reino lhe oferecia.

(Estabelece-se o diálogo entre o
rei moribundo e os filhos. A música
deverá deslocar-se ligeiramente do
tom medieval do romance para uma
atmosfera de tragédia grega.)
(Recitado com acompanhamento
orquestral)

D. Fernando

- Deixo a D. Sancho Castela,
Castela la bien nombrada
cinta de madeira seca,
ombros de pedra lavrada.

D. Sancho

- Castela é flor varonil
mas flor desacompanhada.
Dai-me outras terras meu pai
que a quero ver bem casada.

D. Fernando

- Se o meu coração de pai
dividi por cinco filhos,
por cinco herdeiros serão
os meus reinos repartidos.

D. Sancho

(à parte)

Mal haja tal irmandade,
falsa irmandade real
que o primogénito afronta
com justiça paternal!

Mal haja arbítrio de pai,
mal haja afeição avara
que por muito querer juntar
quanto mais une separa!

D. Elvira

- Ai de mim que sou mulher,
ai de mim, a deserdada!
Errarei de terra em terra
Por vexames passarei
E neles me lembrarei
Que por vós não fui lembrada.

D. Fernando

- Não te agastes Dona Elvira
Que também és filha minha
Deixo-te a jóia de Toro
que é jóia bem feminina
aljôfar que fica bem,
numa coroa de rainha.

D. Elvira

(à parte)

- Mal haja tão magro dote
se por jóia tão mesquinha
me hão ferir os espinhos
de uma coroa de rainha!

D. Fernando

- A meu filho Dom Afonso
deixo Leão e as Astúrias:
leão de bronze com juba
de verdejantes alturas.

D. Afonso

- Se por amor de outros filhos
meu património encurtais,
com esse leão de bronze
outras feras me deixais:

as feras da ambição
do sangue real que herdei.
Se do vosso amor sou filho
também sou filho de rei.

Sabei que a fera de bronze
que me deixais por herança
não simboliza a modéstia:
é sinal de intemperança.

D. Fernando

- Cinco filhos dei ao mundo,
todos me foram queridos;
já que na minha afeição
tal como os dedos da mão
sempre estiveram unidos,

depois da morte ceifar
o trigo já moribundo
destes meus cinco sentidos
num anel de cinco pedras
os quero ver reunidos.

D. Afonso

(à parte)

- Mal haja o rei de Castela
que o filho quase deserda.
No anel de cinco filhos
terá mais brilho que pedra!

D. Urraca

- Ai de mim, senhor meu pai,
ai de mim a olvidada!
No anel de cinco pedras
não me quereis ver engastada.

Como Elvira sou mulher
mas não me vi nomeada.
Resta-me só este corpo
pois não me destes mais nada.

Dá-lo-ei a quem pagar
corpo de infanta delgada
e com o dinheiro farei
benesses por vossa alma.

D. Fernando

- Não digas tal, minha filha
não digas tal, Dona Urraca
infanta que vende o corpo
merecia ser queimada.

Não digas tal minha filha
que não foste deslembada,
pois que em terras leonesas
um rincão te destinava:

Zamora lhe dão por nome,
Zamora a bem cercada,
de um lado, a cerca o Douro,
do outro, penha talhada.

Quem ta roubar, minha filha,
se há-de caber-lhe Zamora,
minha maldição lhe caiba.

D. Urraca (à parte)

- De herança tão apertada
já me aperta a gargantilha.
Ó quem tal pai não tivesse
quem não fosse sua filha!

D. Garcia

- Já a flor da vossa vida
é pela morte desfolhada;
já pelas névoas do além
está a vossa voz velada
já entrais no outro mundo
sem neste me deixar nada.

Destes Castela a D. Sancho
Castela la bien nombrada;
a D. Afonso Leão
com Astúrias e Sanábria;
a Elvira destes Toro
jóia em Leão engastada;

a Dona Urraca Zamora,
Zamora, a bem cercada;
dais a vossa alma a Deus
e para mim não sobra nada.

D. Fernando

- Não me acuses Dom Garcia
que é vão o teu acusar.
Se a todos vós meu afecto

não mais pudera igualar,
prejudicar-te seria
o mesmo que a mim roubar.

Do meu tesouro te deixo
duas gemas de estimar
a Galiza que é a pomba
mais branca do meu pombal,

Portugal com olhos de água
e lusitanos cabelos
espalhados pelo mar.
Duas pérolas te deixo,
assim as saibas guardar.

(Orquestra *tacet*)
(Recitado a seco)

D. Garcia

- Se Portugal e a Galiza
Jóias são de ambicionar
não serão antes espinhos
do vosso estranho igualar?

Guardá-las juro, meu pai,
à fé de cavalaria
mas se alguém mas cobiçar
entrarei nessa porfia.

D. Fernando

- Antes ser pobre e vilão,
morrer em mísero catre

de tábuas desconjuntadas
que cadáver coroadado
expirando em cama de prata
legando ao mundo justiça
a que os filhos dão batalha.

Se o reino que vos confio
não mantiverdes unidos,
no frio sono da morte
não perderei o ouvido.

Maldição que vem da tumba
espada não é de parar;
empunha-a a mão de Deus
que a faz executar.

(A orquestra volta ao tema musical
do Jogral, o qual conclui o romance
de Dom Garcia.)

Jogral (cantado)

– Em sua cama de prata
o Rei Fernando expirava;
às galas do mundo vão
um débil fio o ligava:

era a esperança que os filhos
jurassem manter unido
o reino que lhes deixava.

Todos disseram: ámen
mas só a boca falava;
outra secreta palavra
a alma pronunciava.

Todos disseram: ámen
Era o que o rei esperava
para cingir a coroa
que a morte lhe destinava.

(Orquestra; clima musical dramático,
suportando o tom grave do coro.)

Coro (cantado)

– Na cova acariciando
a flor da tua justiça
ó flor de feitos daninhos!
A teus filhos, rei Fernando
da flor, deixaste os espinhos.

Fim da 1.^a parte

Jogral (cantado)

– Deitado em nuvem de prata
o rei Fernando dormia.
Chegou um anjo assustado
com o mal que na terra vira
e acordando o rei Fernando
más novas lhe transmitia.

Anjo (recitado)

– Acorda Fernando acorda
que nos campos de Lhantada
pelas lanças de Afonso e Sancho
foram as juras quebradas.

Coro (recitado com acompanhamento)

– Não acordes Rei Fernando
não queiras voltar à vida
que Lhantada é o começo
de uma luta fratricida.

Jogral (cantado)

– Três anos eram passados
três achas secas, raivosas
que o incêndio da discórdia
mais haviam de atear
Três anos eram passados

de novo os irmãos pelejam
nos campos de Volpejar.

Anjo

(recitado)

- Acorda Fernando acorda
De Sancho detém a sanha
que Afonso faz prisioneiro
e assusta as terras de Espanha.
Mas o vento mandadeiro
que nenhum guerreiro apanha
diz que Afonso se acolheu
à proteção da moirama.

Coro

(cantado)

- No teu sono, Rei Fernando,
da herança que deixaste
cravam-se os cinco punhais.
Não acordes Rei Fernando
que acordas tarde demais.

Jogral

(cantado)

- Flor de sangrenta irmandade
por D. Sancho desunida,
já outra pétala treme
com medo de ser colhida.
Qual há-de ser essa pétala?
Por mais fácil a mais fraca:
às setas de Sancho oferece
Zamora o peito de pedra
para defender D. Urraca.

Anjo

(recitado)

- Acorda Fernando acorda
que a bem cercada Zamora
é agora a mal cercada
Cercam-na as setas de Sancho
que o ódio tem por aljava.

Acorda Fernando acorda
Quem vence leão de bronze
Vence águia em pedra talhada.

Coro

(recitado)

- Saibam quantos são nascidos
que da maldição paterna
vai soar a hora exacta.
(cantado)

Eis que acorda o rei Fernando
em sua nuvem de prata.

Jogral

(recitado)

- Eis que acorda o rei Fernando
e ao ver de Sancho a cobiça
desrespeitar-lhe a herança
com a sua maldição
arma a mão de um cavaleiro
dando-lhe a forma de lança.
Jaz D. Sancho lanceado
Pela paterna vingança.

Coro

(cantado)

- Prostrado em nuvem de prata
a alma desfeita em lágrimas
lastima-se o rei Fernando.
Com o seu lenço de estrelas
o Anjo as vai enxugando.

Jogral

(cantado)

- Já Zamora é libertada
Deixa Afonso o seu degredo
lá na gaiola mourisca
da cidade de Toledo.
De Leão retoma a coroa
que lhe fora arrebatada
e acrescenta-lhe Castela

Castela la bien nombrada
que com a morte de D. Sancho
os reinos lhe dilatava.

Coro
(cantado)

- Reinos que se dilatam
E que outros farão minguar!
Ai reinar de D. Garcia!
De cuidados é teu trono
E teu ceptro suspeitar.

D. Garcia
(recitado)

- Ai de mim, tamanho dote
não se alcança sem cuidar!

D. Elvira
(recitado)

- Bom conselho te daria
se o quiseses escutar.
Juntos Leão e Castela
pela saudosa Galiza
se põem a suspirar;
que já três laranjas gémeas
foram no mesmo pomar.

D. Garcia
(recitado)

- Renego de ti meu pai
que as foste separar!

D. Elvira
(recitado)

- Desígnios do nosso pai
Tu os deves acatar.
Pega em armas contra Afonso
antes de ele as empunhar
para os reinos outrora unidos
novamente unificar.

D. Garcia
(recitado)

- Temo a maldição do pai
que em sua nuvem de prata
terá um mau despertar.

D. Elvira
(recitado)

- Em sua nuvem de prata
teu pai te há-de abençoar
vendo que tão bem conservas
o que te deu a guardar.

D. Garcia
(recitado)

- Ai bem amada Galiza
por teus olhos portugueses
está o coração de Afonso
em Castela a palpar!
Às armas contra o irmão
Que me quer atraíçoar!
Às armas por ti Galiza
por quem parte a guerrear.
Vai dizendo ao mar de Vigo
que quando vitorioso
aos teus braços regressar
paramentado de estrelas
ele nos há-de casar.

Coro
(cantado)

- Flor de sangrenta irmandade
cinco pétalas de perigo.
Rei Garcia, ai rei Garcia
Não digas que não te digo.

Jogral
(recitado)

- Apregoadas as guerras
foi pelejar D. Garcia,

ia de esporas douradas
e vestido de alegria.
Como o resplendor do sol
sua espada reluzia
mas por mais que reluzisse
não ganhava nem perdia.

(A voz de uma virgem que é a voz da
terra galego-portuguesa, saudosa
de D. Garcia que foi fazer guerra ao
irmão:)

Soprano (solo)
(cantado)

- Ai ondas do mar de Vigo,
se vistes o meu amigo,
Dizei-me: voltará cedo?

Ondas do mar levantado
se vistes o meu amado,
Dizei-me: voltará cedo?

Se vistes o meu amigo
aquele por quem suspiro
Dizei-me: voltará cedo?

D. Urraca
(recitado)

- Com raiva estás D. Afonso
rasgando teu coração.

D. Afonso
(recitado)

- Com raiva não vejo o fim
a guerras sem solução.
De reinar é esta a arte
O irmão contra o irmão
e mortos de parte a parte.

D. Urraca
(recitado)

- Se tu ouvidos me deras
o conselho te daria
de mandares uma embaixada
com uma proposta de tréguas
a nosso irmão D. Garcia.

D. Afonso
(recitado)

- Essas tréguas D. Urraca
pouca duração teriam.
E enquanto desirmanados
forem os reinos que outrora
a mão de meu pai unia,
para os filhos do rei Fernando
não há paz nem harmonia.

D. Urraca
(recitado)

- Essas tréguas D. Afonso
melhor trégua ocultariam
que vindo ele ao teu encontro
a prisão encontraria.

D. Afonso
(recitado)

- Temo a maldição do pai
que em sua nuvem de prata
outra vez acordaria.

D. Urraca
(recitado)

- Antes temesses amores
que o vestem de alegria.
Está Garcia enamorado
de uma donzela velida
que os olhos tem portugueses
e o nome tem de Galiza.
Jurou que apenas voltasse

com ele se casaria.
Tão fértil árvore de amor
Dará frutos de eleição.

D. Afonso
(recitado)

- Ter herdeiros D. Garcia!
Isso não! Unificar
os reinos outrora unidos
nunca mais conseguiria.
Já não temo de meu pai
o castigo parricida.
Quem começou esta guerra
não fui eu. Foi D. Garcia.

Mensageiro
(recitado)

- Da parte de D. Afonso
cartas trago redigidas
com afeição fraternal.

D. Garcia
(recitado)

- Que me quer, ó mensageiro
Esse irmão tão desleal?

Mensageiro
(recitado)

- Que acabem as vossas guerras
tão brutais e contumazes.
Um encontro vos propõe.
Tempo é de fazer as pazes.

D. Garcia
(recitado)

- Tempo é de pormos fim
a guerras sem merecimento.
Nada perco em avistar-me
com Afonso e averiguar
se é honesto o seu intento

Está agora a bem-amada
em sua estação florida.
Tempo é de repousar
nos braços da doce amiga.
Pela vida troco a morte!
Cesse a noite e venha o dia!

Jogral
(cantado)

- Por Maio era por Maio
quando os campos estão em flor
o Maio dos namorados
que vão servir o amor
quando canta a cotovia
e responde o rouxinol
quando o trigo solta ao vento
suas madeixas de sol,
dirigiu-se D. Garcia
ao encontro do irmão.
Voava que não corria
quando a meio do caminho
sentiu no rosto um clarão
de espadas que reluziam
com um luar de traição.

D. Afonso
(recitado com acompanhamento
orquestral)

- A vida quero poupar
a meu irmão D. Garcia
que se o próprio irmão matara
a maldição de meu pai
meus dias não pouparia.
Seja o castelo de Luna
seu túmulo, a tumba fria
de um vivo, sua prisão
perpétua, sua agonia.
Do pai assim executo
a implacável sentença,
à prisão sentenciando
aquela que começou
a fraternal desavença.
Do pai assim se repõe

a antiga magnificência
dos reinos outrora unidos
que estando desirmanados
motivo são de discórdia
fratricida e mal-querença.

Coro

(cantado)

- Chorai rios, chorai ondas
Ai ondas do mar de Vigo!
Chorai choupos de Coimbra
que não volta o vosso amigo!
Jaz no castelo de Luna
Mortalha de um morto-vivo.

D. Garcia

(recitado)

- O enganoso reinar
Ó reinar cheio de enganoso.
meus erros que foram tantos
quantos foram os meus sonhos
meus intentos de acertar,
na conta do rei Fernando
os devíeis debitar
pois eles me foram danos
dos erros que fui herdar

Coro

(cantado)

- A Galiza e Portugal
são dois jardins de água fria
água fria de chorar.
Rei que não guarda o seu reino
nunca devia reinar.

D. Garcia

(recitado)

- Subi à torre mais alta
dum enganoso reinar
nunca tão alto me vi.
Porque a torre era tão alta

tive tonturas, caí.
Vive tu meu Portugal
vive tu minha Galiza,
vive tu que eu já morri.

Coro

(cantado)

- O tempo do teu reinado
deixou no vento espalhado
o breve aroma das rosas.
Rei Garcia, ai rei Garcia!
As loucuras foram tuas
só as saudades são nossas

F I M

Texto do libreto cedido por:

António Costa, Diretor Musical
das Récitas da Cantata Cénica
Dom Garcia em 2024

Revisão de **Ana Pinto Mendes**,
Bernardo Mariano, **Jorge Carvalho**
Alves, **Paulo Enes da Silveira**
e **Nicolás Isasi**

Biografias

António Costa

Direção musical

Nasceu em Alvarenga, Arouca. O seu interesse pela música começou em tenra idade na Banda Filarmónica de Santa Cruz de Alvarenga, onde recebeu ensinamentos do Padre Rui Botelho. Em 1971, ingressou na Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana. Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa, tendo como orientador na disciplina de Trompa o Professor Adácio Pestana. Em 1976 representou Portugal na Orquestra Internacional da Juventude na Bélgica. Foi 1º trompa na Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa, apresentando-se também como concertista. Em 1982, a convite do Teatro Nacional de São Carlos, interpretou o solo de trompa do 2º ato da ópera Siegfried de Richard Wagner. Como trompista, apresentou-se em vários palcos nacionais e internacionais, destacando-se Itália, Áustria, Macau, Brasil, Moçambique, Guiné e Cabo Verde. Também colaborou, por diversas vezes, com a Orquestra Gulbenkian. Em 1989, a convite do maestro Claudio Scimone, integrou a Orquestra “I Solisti Veneti” para a gravação em CD da ópera “Zelmira” de Rossini. Realizou diversas gravações e transmissões diretas de concertos para a RDP Antena 2, RTP1, RTP2 e RTP Açores. Apresentou-se em recitais com as pianistas Gabriela Canavilhas, Olga Prats e Carla Seixas. Foi professor no Conservatório Nacional de Lisboa e na Escola Profissional de Artes da Beira Interior (Covilhã). Com o Quinteto “Solistas de Lisboa” gravou em CD obras de compositores portugueses do séc. XX. Para a coletânea “Música de Câmara de António Vitorino d’Almeida” gravou, entre outras obras, a Sonata Vienense para Trompa e Piano, estreada em Viena (Musikverein), a qual lhe foi dedicada pelo autor. Com Ana Ferraz e Gabriela Canavilhas gravou o CD “Vocalizos”. Estudou direção de orquestra com o maestro Manuel Ivo Cruz. Foi subchefe da Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, com a qual realizou, entre outros, o Concerto de Encerramento do Festival Internacional de Música de Coimbra (2003), tendo como solista a mezzo soprano Liliana Bizineche. Em 2005, dirigiu o Concerto Comemorativo dos 170 anos do Conservatório Nacional de Lisboa com a Orquestra desta instituição, executando a Cantata Cénica Dom Garcia de Joly Braga Santos. Em 2008, 2010 e 2012 regeu a Orquestra Sinfónica de Santos (Brasil), com programas integralmente dedicados a alguns dos mais célebres compositores portugueses. Entre 2009 e 2018, dirigiu os concertos Sons da Água, realizados na Praia Fluvial da Paradinha, em Alvarenga, Arouca.

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública

A Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública teve origem num agrupamento de elementos policiais com conhecimentos de música que pertenciam ao então Comando Distrital da PSP de Lisboa – atual Comando Metropolitano. A partir de 1979, sob a Chefia do Major Silvério de Campos, aquele agrupamento passou por um desenvolvimento artístico que permitiu constituir uma Banda Sinfónica oficial. Atuou nos mais distintos auditórios nacionais, tais como: Teatro Nacional de São Carlos, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, e participou em programas de Rádio e Televisão. Foi pioneira na gravação regular de suportes áudio para editoras nacionais e estrangeiras, tendo gravado 19 CD para a etiqueta holandesa Molenaar. Foi a primeira Banda das forças de segurança e militares a integrar nos seus quadros elementos do sexo feminino. Internacionalmente, representou o país e a Polícia de Segurança Pública, em 1997, no 7.º Festival Internacional de Bandas, em Saumur, França, tendo sido eleita como a «Banda Oficial» daquele Festival entre as 11 Bandas dos vários países participantes e onde obteve os mais eloquentes elogios. Em 2000, participou no 5.º Festival Internacional de Bandas, realizado em Saint-Étienne, atuando no teatro Massenet. Tem em atividade o Grupo de Metais da Banda Sinfónica da PSP, o Trio de Câmara e o Quinteto de Sopros, Duo de Piano e Voz e recentemente foi criado o POP Trio BSPSP. Promove os *Concertos de Palmo & Meio*®, direcionados para um público cuja faixa etária vai desde os seis meses de idade aos seis anos. A Banda Sinfónica da PSP conta com um quadro de músicos de elevada formação artística, académica e profissional, coordenados pelo atual Chefe em Exercício e Diretor Artístico, Subintendente Ferreira Brito, coadjuvado pelo Subcomissário Pedro Ferreira, para continuar a servir a Polícia de Segurança Pública e Portugal.

Jorge Carvalho Alves

Direção do coro

Fez os seus estudos de Direção Coral no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola Superior de Música de Lisboa. Frequentou vários cursos de Direção Coral e Técnica Vocal em Portugal e no estrangeiro. Trabalhou com José Robert, Edgar Saramago, Lazlo Heltay, Fernando Eldoro e Jill Feldmann. Como tenor, foi membro do Coro da Universidade de Lisboa, cantou como reforço no Coro do Teatro Nacional de São Carlos em diversas óperas, entre 1984 a 1988, ano em que ingressou no Coro Gulbenkian até 2001. De 1993 a 1996 participou no projeto “Coro Gregoriano de Lisboa” com o qual efetuou digressões em Portugal e no Japão. Em 1998 integra o quarteto vocal masculino Tetvocal, com quem participou em concertos por todo o território nacional e em digressões no Brasil, Tailândia e China, até 2008. Iniciou a sua carreira como Diretor Coral com o Coro de Câmara Syntagma Musicum, grupo que fundou em 1985 e com o qual obteve o 1º prémio no concurso “Novos Valores da Cultura – Música Coral” em 1988, atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura.

Trabalhou com grupos de todo o continente e ilhas: Coro de Câmara Syntagma Musicum, Coro Sinfónico Lisboa Cantat, Coro do Teatro Nacional de São Carlos (como Maestro Assistente), Coral Luísa Todi, Coro Vox Cordis, os Coros de Câmara, Infantil e Juvenil Lisboa Cantat. Actualmente no Luxemburgo, dirige: Chorale Concordia de Erpeldange, o Ensemble Vocal Cantica, entre outros. Dirigiu, em estreia nacional, a Missa Cubana de José Maria Vittier e a Cantata para um silêncio de Daniel Schvetz, bem como outras obras de compositores portugueses contemporâneos. Gravou, para a RDP, a RTP e a SIC, diversos programas musicais, destacando-se a participação no programa Câmara Clara/2008, dedicado à atividade coral em Portugal, o concerto de estreia dos 6 Órgãos da Real Basílica Maфра. Gravou, para a Numérica Editora, 6 Cds com música coral de autores portugueses, onde se destaca a obra de Lopes-Graça “a cappella”.

Coro Sinfónico Lisboa Cantat (CSLC)

Iniciou as suas actividades no ano de 1977. É um coro amador e conta actualmente com cerca de 80 elementos na sua formação principal, sendo alguns oriundos de escolas de música como o Conservatório Nacional, a Academia de Amadores de Música e o Instituto Gregoriano de Lisboa. Tem contribuído para a divulgação da música erudita portuguesa, estreando regularmente obras de compositores portugueses contemporâneos e com a gravação de obras de Compositores Portugueses XX/XXI e de Fernando Lopes-Graça – Obra Coral a capella. Foi coro associado da temporada 2010/2011 do CCB. Destaca-se a parceria que mantém, desde 1999, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Tem-se apresentado com orquestras nacionais de renome e não só, como Metropolitana de Lisboa, Filarmónica Portuguesa, Nacional do Porto, Orquestra XXI, Filarmonia de Madrid e Royal Philharmonic Concert Orchestra, entre outras. Actuou nas principais salas e de concerto, teatros e igrejas: Aula Magna, Casa da Música do Porto, grandes Auditórios da Culturgest, Gulbenkian e CCB, Igreja de São Roque, Basílicas da Estrela e de Maфра, Jerónimos, Sé de Lisboa, Teatro da Trindade e Nacional de São Carlos. Já foi dirigido pelos maestros: Adrian Leaper, Cesário Costa, Christopher Bochmann, Dinis Sousa, Enrico Onofri, Leonardo García Alarcón, Manuel Ivo Cruz, Marc Tardue, Michael Zilm, Osvaldo Ferreira e Zoltán Peskó. Desde 1986, é dirigido pelo maestro Jorge Carvalho Alves. O repertório apresentado inclui música coral a capella e grandes obras corais sinfónicas, tais como o Requiem de Verdi, A Criação de Haydn, a Cantata de Outubro de Prokofiev, a Missa Solemnis Beethoven, os Gurrelieder de Schönberg e Romeu e Julieta de Hector Berlioz. Colaborou em parcerias com o Coro Nacional do Teatro São Carlos e com o Coro Gulbenkian. Participou em concursos e festivais internacionais: Cantonigròs, Florilège Vocal de Tours, Azores Choir Festival, Montreux Choir Festival.

Fernando Gomes

Encenação

Considerado um dos valores mais sólidos do teatro independente, do qual foi um dos precursores em 1976, ao fundar, com António Feio, o Teatro Aquarius. Pioneiro do movimento Café-Teatro nos anos 1980. Todavia, foi como encenador que deixou marcas no panorama teatral, assumindo a direção de peças como *A Marmitta de Papin* (1990), *O Marido Vai À Caça* (1991), *O Quiosque* (1992) e *Viagem ao Centro do Porto* (2001). Popularizou-se com a série infantil *Rua Sésamo*, na década de 1990. Diretor da produtora teatral Klassikus, Fernando Gomes criou, dirigiu e interpretou espetáculos como *O Estranho Caso da Tia do Melro* (1994); *A Tragédia*, a partir de Almeida Garrett (1996); *Viva o Casamento*, a partir de Alves & Cia. de Eça de Queirós (2001); *A Vida Trágica de Carlota a Filha da Engomadeira* (2002), a partir do romance de Camilo Castelo Branco, *Coisas Espantosas*; *Drakula.com* (2003); *Divina Loucura* (2003); *Romeiro Romeiro Quem és Tu Ninguém - uma volta a Garrett em 80 minutos* (2005); entre outros. Escreveu para o Centro Dramático de Viana a peça *Mas Afinal Quem És Tu, Ó Dona Maria da Fonte?* (2008). Fez parte do elenco do musical *Cabaret*, no Teatro Maria Matos. Escreveu e encenou *O Elixir do Amor*, no Teatro da Malaposta. Ator de televisão, foi dirigido por Artur Ramos no teatro filmado em *Dulcineia* (1989) e *A Visita da Velha Senhora* (1994). Fez aparições esporádicas em televisão em teledramáticos e séries como *Rua Sésamo* (1990) e *Malucos do Riso* (1997–2002), bem como na telenovela *Lusitana Paixão* (2003). Teve participação em várias séries e novelas, como *Camilo na Prisão* (1998), *Lusitana Paixão* (2002), *A Minha Família é uma Animação* (2001/03), *Os Malucos nas Arábias* (2005), *Mistura Fina* (2004/05), *Floribella* (2006) ou *Louco Amor* (2012). No cinema teve participações em *A Vida é Bela?!* de Luís Galvão Teles (1982), *Jogo de Mão* de Monique Rutler (1984) e *Uma Cidade Qualquer* de Joaquim Leitão (1994). Atualmente trabalha na peça de comédia *Feliz Aniversário* de Marc Camoletti, com adaptação e encenação de João Baião e Frederico Corado.

Nicolás Isasi

Assistente de encenação e realizador

Nasceu em La Plata, Argentina. Aos dez anos começou a estudar saxofone no Conservatório Gilardo Gilardi, chegando a tocar em vários grupos orquestrais. É diretor de cinema formado pela Universidad del Cine e Opera Regié formado pelo Instituto Superior de Arte do Teatro Colón e já trabalhou em mais de 80 produções de cinema e ópera. Obteve uma bolsa da Ibermedia para participar no Seminário de Direção de Atores ministrado pela EICTV, em Tenerife. Estreou-se na ópera com *As bodas de Fígaro* em junho de 2012 para a Opera Joven em Buenos Aires. A sua tese de graduação no Teatro Colón foi a estreia na Argentina da ópera *Treemonisha* de Scott Joplin para OID OPERA no Teatro Empire. Foi assistente de encenação de grandes encenadores com quem trabalhou

na Argentina, Espanha, Portugal, Itália e Polónia. É membro investigador do CIJVS e durante mais de uma década trabalhou como professor adjunto e JTP de direção de arte e na Oficina de Cenografia da Universidad del Cine nas cadeiras dos cenógrafos e figurinistas Ponchi Morpurgo e Eduardo Lerchundi. Em 2018, participou no TACT em Itália, e fez uma digressão europeia pela Eslovénia, Alemanha, Irlanda e Espanha. Escreveu mais de 500 críticas de arte, publicadas em diversos livros, revistas e jornais nacionais e internacionais. Em 2019, chegou às semifinais do Concurso Internacional Nano-Opera, organizado pelo Teatro Helikon em Moscovo, tornando-se um dos dez melhores jovens encenadores de ópera do mundo. Realizou o filme *Out Of Mind*, sobre a pandemia, que foi exibido em mais de 30 festivais internacionais de cinema e recebeu vários prémios. Estreou-se como encenador na Europa com a ópera *As Damas Trocadas* de Marcos Portugal no Teatro Vila Real para o Palácio de Mateus. O seu recente filme foi distinguido pela Ala d'Artistas em Mira de Aire. É um dos artistas selecionados para participar no Simpósio *PQ 2024: Technologies in Theatre, Performance and Exhibition Design* organizado pela Quadrienal de Praga de Performance e Space Design.

Catarina Moreira

Coreografia

Iniciou os estudos na Escola de Dança do Orfeão de Leiria e concluiu a licenciatura e o mestrado em Dança, na Escola Superior de Dança. Como bailarina intérprete, destacam-se as experiências profissionais como bolseira da Companhia Paulo Ribeiro e como bailarina integrante do elenco da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo de Lisboa, sob direção de Vasco Wellenkamp. Atualmente leciona Técnica de Dança Contemporânea na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional (EADCN). Desenvolve, ainda, um trabalho de criação coreográfica, nos âmbitos nacional e internacional, em escolas, eventos, grupos de dança, na orientação de *workshops* e cursos, na preparação de alunos para concursos de dança internacionais e integrando júris em competições. Trabalhou como convidada para: Conservatório de Dança de Macau, John Cranko School (Estugarda, Alemanha), Escola de Dança de Perm (Rússia), Staatliche Ballettschule Berlin, Associazione Europea Danza (Livorno, Itália), Passo de Arte (Brasil), Academia Vaganova de Ballet Russo (São Petersburgo, Rússia) e Boris Eifman Dance Academy (São Petersburgo, Rússia).

Escola de Dança do Conservatório Nacional

O Conservatório Nacional de Lisboa, a funcionar desde 1839, está localizado num edifício do século XIX, em pleno centro histórico da cidade. Embora a disciplina de Dança fizesse desde logo parte do programa educativo original, integrada e relacionada com as outras disciplinas artísticas, a estrutura atual de funcionamento da Escola de Dança só foi implementada em 1987. Esta é uma escola totalmente pública, que integra as disciplinas de Dança, assim

como os estudos na área de formação geral, do 2.º ciclo até ao fim do Ensino Secundário. Na segunda metade do século XX, a importância desta arte na cena cultural portuguesa desenvolveu-se de forma bastante significativa, culminando com a criação do Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado, sendo que muitos dos bailarinos e coreógrafos envolvidos neste movimento contribuíram igualmente para o desenvolvimento e a consolidação da Escola de Dança do Conservatório Nacional (EDCN). Desde então, bailarinos e coreógrafos portugueses têm vindo a alcançar uma importante reputação no cenário da Dança Contemporânea Europeia, o que tem tido um enorme impacto no sucesso da escola, assim como no dos alunos. Nesta perspetiva, a escola tem um programa de estudos fortemente baseado em Técnica de Dança Clássica, assim como em Técnica de Dança Moderna, com base na Técnica Graham, e, mais recentemente, com a introdução de Técnicas Contemporâneas relacionadas com o movimento americano pós-modernista.

Luís Vieira-Baptista **Artista plástico**

Nasceu em Lisboa, em 1954. Por razões militares formou-se em Pilotagem no curso de Oficial Náutico da Marinha Mercante. Frequenta o curso de Desenho com Modelo Vivo na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Expôs individualmente pela primeira vez em 1975, na Galeria de Arte do Casino Estoril. Na década de 1980 foi viver para a Suíça, onde começou verdadeiramente uma carreira artística internacional. Regressou a Portugal em 1990 portador do conceito estético por si criado, o «Visionismo», e formou dois grupos artísticos: o Visionista, onde foi apresentado em Manifesto a referida estética (Convento do Beato, Lisboa 1991), e o Artitude, vocacionado para intervir em espaços públicos e patrimoniais com instalações de grande impacto: Castelo de Leiria (*O Planeta Azul*), Mãe d'Água das Amoreiras, Lisboa, (*Ninfas do Tejo e outras deusas*) e *A Divina Tragédia*, no Museu de História Natural, em Lisboa. No ano 2000, foi lançado na Feira Internacional de Arte Contemporânea, o livro/álbum *Visionismo ou as Sincronias do Acaso*, pela Hugin Editores e em 2021 a Sociedade Estoril Sol editou *Sonhar Portugal*, referente às pinturas visionistas do séc. XXI. Em 2003, foi condecorado com a Medalha de Mérito Cultural, grau Ouro, pela Câmara Municipal de Oeiras, depois de edificar o monumento escultórico *À porta do mar: Nave Visionista*. Desde 2017 que o Salão Nobre da Fundação Marquês de Pombal, Palácio dos Aciprestes, Linda-a-Velha, leva o seu nome: Salão Nobre Luís Vieira-Baptista. Fez mais de 50 exposições individuais e dezenas de mostras coletivas e de grupo. A sua mais recente teve lugar no Convento de Cristo, em Tomar, (*Telesma e os Cavaleiros do Mar*, 2023). As Câmaras Municipais de Lisboa, Oeiras, Cascais, Amadora, Sintra e Óbidos possuem obras suas, tanto em pintura como em escultura pública, assim como alguns organismos oficiais e privados, portugueses e estrangeiros, entre os quais se destaca o Príncipe Alberto II do Mónaco. É atualmente o presidente da Associação David Melgueiro, visando a proteção dos oceanos.

Maria Gonzaga

Figurinos

Nasceu em Portugal em 1951. Estudou Cenografia no Conservatório Nacional, seguindo-se uma pós-graduação de *Design de Cena*, em 2012. O seu multifacetado percurso profissional está ligado ao cinema, ao teatro e à televisão, principalmente na área do guarda-roupa, tendo também sido atriz, maquilhadora e decoradora. A sua atividade como responsável de guarda-roupa conta já com mais de 45 participações entre filmes, séries e documentários. Em 2014 e 2019, venceu o Prémio Sophia na categoria de Melhor Guarda-Roupa com os filmes *Até Amanhã Camaradas* — no qual também integrou o elenco enquanto atriz — e *Parque Mayer*. Para além do seu percurso como figurinista e no mundo da cenografia, Maria Gonzaga é também um exemplo de empreendedorismo, tendo criado a sua própria marca e *atelier*, um espaço onde se encontram disponíveis todo o tipo de peças da autoria da própria, disponíveis para aluguer, quer para eventos ou para algum tipo de trabalho especializado. Em 2012, a Peris Costumes, marca espanhola de guarda-roupa especializado fundada em 1856 e responsável pelo guarda-roupa de milhares de produções internacionais, decidiu apostar na sua internacionalização para Portugal, sendo que uma das principais razões que motivou esta seleção foi exatamente o conhecimento do talento e do brio de Maria Gonzaga. Deste projeto de internacionalização resultou um trabalho conjunto, solidificado em 2016, que se mantém até aos dias de hoje.

José Raposo

Ator

Ator, dobrador e produtor. Nasceu a 3 de fevereiro no Dundo em Angola. Veio para Portugal, em 1976, para Lisboa. Fez uma audição para o Teatro Ádôque, onde fez o seu primeiro trabalho profissional aos 18 anos. Integrou a companhia onde começou por fazer teatro infantil com Francisco Nicholson. Participou em peças como *O Processo de Jesus*, de Diego Fabri, no Teatro da Trindade, *Volpone*, de Ben Jonson, no Teatro Aberto, *O Último dos Marialvas*, de Neil Simon, na Casa da Comédia, *Os Portas de John Godber*, no Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), entre outras. Em encenações de José Carretas protagonizou *Malaquias*, de Manuel de Lima, no TNDMII e no Teatro da Comuna, e participou em *Bolero*, de José Carretas e Manuel Cintra, no Teatro Villaret. Foi dirigido por Jean Jordheuil em *Germânia 3*, de Heiner Müller (CCB). Fez ainda teatro musical, participando em *Annie*, de Thomas Meehan, sob a direção de Armando Cortez, no Teatro Maria Matos. Fez teatro de revista no Teatro Maria Vitória, Teatro Variedades e Teatro ABC. Criou, com Maria João Abreu, a produtora A Toca dos Raposos, em 1998. Em 2003, participou no espetáculo *Cada Dia a Cada Um a Liberdade e o Reino*, dirigido por Jorge Silva Melo, e trabalhou com Filipe La Féria em *A Rainha do Ferro Velho*, *Um Violino no Telhado* e *A Gaiola das Loucas*. Ator regular no cinema, participou em mais de 20 filmes e na televisão, integrando o elenco de várias novelas, telefilmes e séries.

Ganhou o Globo de Ouro e o Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno como melhor ator de teatro, pelo musical *Um Violino no Telhado*, em 2009, Prémio Sophia de Melhor Ator Secundário de Cinema (2018), Melhor Ator Secundário de Cinema do Festival Caminhos do Cinema Português (2017) por *São Jorge*, Prémio Áquila, na categoria de Cinema – Melhor Ator Secundário, com *O Leão da Estrela* (2016), Globo de Ouro (Portugal) com o grupo Teatro Praga, de Melhor Peça/Espectáculo, com *Tropa Fandanga* (2015). Em 2022, recebeu da Câmara Municipal de Lisboa a Medalha Municipal de Mérito Cultura, no 100.º aniversário do Parque Mayer.

Mário Redondo

Ator

Ator, cantor e encenador. Estudou Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema, e Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. Trabalha desde 1992 em todas as áreas de atividade de um ator-cantor. Na área do teatro, destacam-se *O Misanthropo*, de Molière (Palácio Marquês de Tancos, 2009); *Ópera de Três Vinténs*, de Brecht/Weill (Teatro Aberto, 2005); *Sweeney Todd*, de Sondheim (Teatro Aberto, 2007); *Evil Machines*, de Terry Jones (Teatro São Luiz, 2008); *O Príncipe de Homburgo*, de Kleist (CCB, 2010); *O Fim Do Teatro* (Escola de Mulheres, fevereiro 2020); *A República Alexandrina* (Centro Cultural Malaposta, 2022); e *The Cradle Will Rock* (Teatro Aberto, 2022). Em 2008, foi nomeado para o Globo de Ouro de Melhor Ator de Teatro pelo seu trabalho em *Sweeney Todd*. Trabalha ainda regularmente em cinema, televisão, dobragens e publicidade. Na ópera, destacou-se como Sam em *Trouble in Tahiti*, de Bernstein (França, 2003); Ivan Iakovlevitch em *O Nariz*, de Shostakovitch (Teatro Nacional de São Carlos, 2006); Conde em *As bodas de Figaro*, de Mozart (Teatro da Trindade, 2006); Angelotti em *Tosca*, de Puccini (Teatro Nacional de São Carlos, 2008); Monterone em *Rigoletto*, de Verdi (Teatro Nacional de São Carlos, 2013); Pangloss em *Candide*, de Bernstein (Teatro Nacional de São Carlos, 2013); Bonzo em *Madama Butterfly*, de Puccini (Teatro Nacional de São Carlos, 2015); e Barone em *La Traviata*, de Verdi (Teatro Nacional de São Carlos, 2018). Mantém atividade regular de concerto e recital, destacando-se *Night Waltz – a música de Paul Bowles* (CCB, 2007); *Lembrando as Heróicas*, com música de Lopes-Graça (Teatro Aberto, 2014); *Wonderful Town*, de Bernstein (Teatro Nacional de São Carlos, 2019); e *História do Soldado*, de Stravinsky – narração (Museu Nacional do Teatro e da Dança, 2021). Participou na estreia absoluta de várias obras de compositores portugueses, entre os quais Pedro Amaral, Daniel Schvetz, Luís Tinoco, Edward Luiz Ayres d'Abreu, José Eduardo Rocha e Luís Soldado. Encena teatro e ópera desde 1987, colaborando com instituições como o Teatro Nacional de São Carlos, o Chapitô, o festival Zêzere Arts, a EMCN, e o GERADOR.

Leonor Seixas

Atriz

Nascida em Portugal, começou por ser bailarina, frequentou o Conservatório Nacional de Dança de Lisboa, e organicamente passou para teatro, continuando assim nos palcos, mas numa área diferente, na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Com 18 anos continuou os seus estudos para ser atriz em Nova Iorque, no Lee Strasberg Theater Institute. Três anos depois, quando terminou o curso, foi logo escolhida para ser protagonista de um filme e de uma telenovela. Os sucessos destes projetos fizeram Leonor trabalhar constantemente. Sentindo uma gratidão enorme, até aos dias de hoje, passa grande parte do seu tempo a fazer personagens interessantes, em filmes, telenovelas, séries, teatro, locuções, dobragens, anúncios, recitais de poesia e *performances*. Já fez novelas, filmes e espetáculos no Brasil, e vive entre Portugal e Los Angeles. Teve muitas nomeações e ganhou prémios em festivais importantes como Prémios Sophia, Prémios SPA, Globos de Ouro, Cinema Bloggers Awards, Valência Film Festival.

Sara Belo

Atriz

Atriz, cantora, professora de voz e experimentalista vocal. É doutorada em Artes pela Universidade de Lisboa com a tese *A Voz como impulsionador da criação cénica – a Pré-voz como alicerce de um Teatro Vocal*. É também licenciada em Teatro (atores) pela Escola Superior de Teatro e Cinema, onde é professora de Voz desde 2004. Frequentou o curso de Canto do Conservatório Nacional e terminou o mestrado em Estudos de Teatro da Faculdade de Letras, cuja tese incidia sobre a voz do ator. Atriz e cantora de vários tipos de música (ópera, jazz, pop) trabalhou com os encenadores João Brites (Teatro O Bando), João Mota (Teatro da Comuna), João Lourenço (Teatro Aberto), Jorge Silva Melo (Artistas Unidos), Carlos Pessoa (Teatro da Garagem), Cláudio Hochman (Teatro da Trindade) e com os compositores/maestros Eurico Carrapatoso, João Paulo Santos, Pedro Carneiro, Carlos Marecos, Eduardo Paes Mamede. Tem tido uma colaboração frequente com os compositores Jorge Salgueiro, tendo participado em diversas obras/óperas suas tais como *Quixote*, *Saga*, *Salto*, *Quarentena*, *Almenara* e com Daniel Schvets, com quem gravou o CD *Canção de Vidro*, lançado em Bruxelas em setembro de 2017. Como experimentalista vocal realizou diversos trabalhos, nomeadamente no duo aCorda com Rizumik (prémio Jovens Criadores 2008 pelo CPAI) e a sua primeira criação em 2014 – *MAGMA*, solo vocal – no Teatro Meridional. Em 2022, foi Beatriz (como atriz/cantora) no último espetáculo a partir trilogia de Dante, *Paraíso*, encenada por João Brites (Teatro O Bando), com música de Jorge Salgueiro, estreada no Teatro Nacional D. Maria II. Neste momento integra, como cantora e atriz, o elenco de *Orpheu* com texto original de Hélia Correia, dirigida pelo coreógrafo Pedro Ramos e a *Ordem do Ó*, estreado em 2023 e o espetáculo *Dionysos*, estreado em 2024, pelos mesmos autores.

Ricardo Raposo

Ator

Nasceu a 29 de outubro de 1992, em Lisboa. De 2007 a 2010, formou-se na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo (Chapitô) no curso de Interpretação e Arte Circenses. No Chapitô, trabalhou com professores como José Carlos Garcia, Miguel Moreira, Francisco Salgado, Pedro Carraca e Cláudia Nóvoa. Profissionalmente, estreou-se, em 2002, como ator na telenovela *Tudo por amor*. Também em televisão, já em 2012, residiu no elenco de *sketches* de *Paradoxo da Tangência*, apresentado por Eduardo Madeira, no Canal Q. Mais recentemente, protagonizou a telenovela *Amor Amor Vol.2*, em 2021. Participou em espetáculos como *O Vale*, de Madalena Vitorino, *Sangue*, encenado por David Pereira Bastos, *Eu conheço-te*, encenado por Almeno Gonçalves, *Isto é que me Dói*, encenado por Francisco Nicholson, *Casa de Campo*, encenado por Frederico Corado, *O Aldrabão*, de Plauto, encenado por João Mota, *A língua da Sogra*, com Florbela Queiroz, *Circo de NATAL III*, com Tiago Vieira, *Aladino*, o *Musical* e *Amália*, o *Musical*, ambos de Filipe La Féria, *O Bairro das Águas Livres*, de Ana Lázaro, *The Cradle Will Rock*, encenado por João Lourenço, *Sonho de Uma Noite de Verão*, encenado por Diogo Infante, e *Terror e Miséria no III Reich*, encenado por Jorge Ribeiro.

Pedro Saavedra

Ator

Formado em Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema, já exerceu a profissão que escolheu para a vida nas suas mais variadas vertentes. Em televisão, integrou o elenco de *Doce Fugitiva*, *Vila Faia*, *Perfeito Coração*, *Liberdade 21*, *A Noite do Fim do Mundo* e *Os Abutres*. Participou ainda em várias outras séries televisivas como *Rosa Fogo*, *Louco Amor*, *Laços de Sangue*, *Conta-me Como Foi* ou *O Inimigo Público*. Em teatro, aprendeu com João Mota, Fernanda Lapa, Joaquim Benite, Carla Chambel, Joana Brandão, Joana Seixas, Rui Unas, Inês Castel-Branco, Ian Velloza, Adriana Moniz, Alexandre Ferreira, Rui Melo, Fernando Alvim, Joaquim Leitão, entre muitos outros. No mundo da voz, além de ter sido a voz da campanha da ZON, deu ainda voz a grandes marcas, como Jameson, Marshopping, Solgar, Azeite Gota, Lexus, Mebocaína, Fenistil, Continente, Staples, L’Oreal e BES. Foi professor de expressão dramática e diretor artístico de uma companhia de teatro da Amadora. Mais recentemente, foi programador da estação de metro da Baixa-Chiado, em Lisboa, que recebia regularmente concertos e atividades culturais diversas.

Mariana Pereira

Atriz

Mariana Pereira integra o Coro infantil e juvenil da Associação Musical Lisboa Cantat, desde os oito anos. Frequenta aulas de canto com a professora Carla Simões. Interpretou o papel de Julieta na peça *Romeu e Julieta*, numa versão livre, promovida pela Junta de Freguesia de Alvalade.

Marco Alves dos Santos

Tenor

Licenciado pela Guildhall School of Music & Drama (bolseiro Gulbenkian) apresentou-se em papéis operáticos como Tamino (*A flauta mágica*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca (*Rigoletto*), Die Hexe (*Hansel & Gretel*), Prunier (*La Rondine*), Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis & Galatea*), Male Chorus (*Rape of Lucretia*), Don Ottavio (*Don Giovanni*), Nemorino (*O Elixir do Amor*), Ferrando (*Così fan tutte*) e Conte Alberto (*L'occasione fa il ladro*). Em concerto, destacou-se em Recitant (*L'enfance do Christ*), Evangelista nas *Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão Segundo São João* (Bach), e como tenor solista na 9.^a *Sinfonia* (Beethoven), *Messiah* (Händel), *Petite Messe* (Rossini), *Requiem* e *Missa da Coroação* (Mozart), *Seranade for horn and strings* (Britten), *Te Deum* (Bruckner) e *Carmina Burana* (Orff). Na temporada 2023/2024 interpretou os papéis de Goro em *Madama Butterfly* e Dr. Caius em *Falstaff*, Fidalgo e Conde na *Trilogia das Barcas* para o Teatro Nacional de São Carlos, as árias de tenor da *Paixão Segundo São João* de Bach e o *Requiem* de Mozart para a Gulbenkian e a parte de Jorgal da cantata cénica *Dom Garcia* com estreia no CCB.

Bárbara Barradas

Soprano

Nasceu em Lisboa. Estudou Canto e Piano na Escola de Música do Conservatório Nacional e, como bolseira da Fundação Gulbenkian, prosseguiu a sua formação na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, onde se diplomou com distinção. Ganhou vários prémios nacionais e internacionais, incluindo o Prémio Bocage do Concurso de Canto Luísa Todi (2005) e o 2.º Prémio da Guildhall Aria Award Competition (2009). Foi finalista no Concurso Leyla Gencer de 2012. Em 2014, recebeu o Prémio Donizetti (papel principal em Lucia di Lammermoor) no concurso Grandi Voci, em Salzburgo. No domínio da ópera, interpretou, entre outras obras: *Rigoletto* (Gilda); *Don Giovanni* (Donna Anna e Zerlina); *A flauta mágica* (Rainha da Noite); *Dido e Eneias* (Belinda); *Tiçã Negro* (Branca), de Augusto Machado; *As bodas de Fígaro* (Barbarina), com o Coro e a Orquestra Gulbenkian; *Il viaggio a Reims* (Delia), de Rossini; *O gato das botas* (Princesa), de Montsalvatge, no Teatro Nacional de São Carlos; e *Carmen* (Frasquita), no Woodhouse Festival (Reino Unido). Participou também como cantora convidada no concerto de encerramento da temporada 2015/2016 da Orquestra Gulbenkian e no Festival de Música de Almada (julho, 2016);

no Festival Terras sem Sombra com a orquestra Divino Sospiro e o maestro Massimo Mazzeo, com quem gravou recentemente em CD as obras: *Las ultimas palavras de Cristo en la Cruz*, de Fajer, e *Stabat Mater*, de Joaquim dos Santos. Integrou vários projetos nos Dias da Música em Belém no CCB. Participou também nos projetos Flanders Operastudio e enoa. Em concerto e recital, atuou em vários palcos em Portugal e no estrangeiro, incluindo: Fundação Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Fórum Luísa Todi, Ronnie Scott's Jazz Club e St. James Theatre (Londres), Henley Festival, Glyndebourne Chorus Opera Festival, Oper im Berg Festival (Salzburgo) e De Singel (Antuérpia).

Filipa Passos

Soprano

Natural de Lisboa, iniciou os seus estudos musicais aos seis anos. Ao mesmo tempo que frequentou a licenciatura em Medicina, estudou também no Instituto Gregoriano de Lisboa (IGL), onde terminou o curso complementar de Teclado (2004). Atualmente é consultora de Ginecologia-Obstetrícia. Iniciou os estudos de canto com a professora Elsa Cortez, com quem concluiu o curso geral de Canto na Escola Luís António Maldonado Rodrigues. Foi aluna da professora Elsa Saque entre 2007 e 2015. Aperfeiçoa atualmente o canto com a professora Sandra Medeiros. Em colaboração com o Coro de Câmara do IGL, representou os papéis de First Witch e Second Woman na ópera *Dido e Eneias*, de Henry Purcell, em Guimarães, sob a direção de Armando Possante. Representou o papel de Jovem Índia na ópera infantil *O Achamento do Brasil*, de Jorge Salgueiro, em colaboração com a Foco Musical. Apresentou-se também como solista com o Grupo Vocal Olisipo em diversas atuações. Representou o papel de Clarice na ópera *Il Mondo della Luna*, de Avondano, com a Orquestra do Norte, sob a direção do maestro Jorge Matta (quarta edição das *Noites de Ópera no Douro*). É membro do Coro Gulbenkian desde outubro de 2003, tendo participado como solista em *Lobgesang* e em *Elias* de Mendelssohn, nas *Bodas de Fígaro* de Mozart, no *Dixit Dominus* de Händel, nos *Te Deum* de Zelenka e Händel, nos Musicais da Broadway, no *Porgy & Bess* de Gershwin, no *Cole Porter and Friends* e nas *Cantigas de Maio* sob a direção do maestro Jorge Matta. Em 2017, integrou o elenco de *Beaumarchais*, com música do compositor Pedro Amaral, em cena no Teatro Nacional D. Maria II. Em outubro de 2021, representou os papéis de Clara e Serena em *Porgy & Bess*, de Gershwin, no Teatro Garcia de Resende, em Évora, sob a direção de Paulo Lourenço. Apresenta-se regularmente em recital acompanhada pelo pianista Francisco Sassetti.

Sara Afonso

Soprano

Nasceu em maio de 1991, em Faro e canta desde que se lembra. Guarda como memórias mais antigas com música uma composição de Vangelis que escutou no colégio e a *Lambada*, que ouvia num dinossauro azul, onde se colocava uma moeda. Para os avós paternos, em Quarteira, cantava *Ó rama ó que linda rama*, cuja letra foi alterada para que cantasse «o meu pai é o mais lindo» em vez de «o meu par é o mais lindo», o que fazia rir a família toda e Sara não sabia porquê. Entre aulas de piano, coros e coros de igreja, a música e o canto tornaram-se parte do seu dia-a-dia, sem que possa dizer que o tenha propriamente escolhido. Aos dez anos começou a cantar em concursos e teve a sua primeira professora de canto. Estudou Artes Visuais no Ensino Secundário e aos 16 anos frequentou um *workshop* de Teatro Musical em Londres. Chegada a faculdade, fez dois anos do curso de Artes e Humanidades, ao mesmo tempo que descobriu a escola do Hot Clube de Portugal. Mas, em 2014, mudou-se para Casablanca, em Marrocos, por onde ficou durante três anos. Cantou ali ao vivo, até que regressou para estudar no Hot Clube. Hoje encontra-se na Escola Superior de Música, onde dá aulas de voz e integra uma banda de versões. No Festival da Canção 2021, Sara Afonso foi a intérprete da canção *Contramão*, de Filipe Melo.

Rita Morão Tavares

Contralto

Natural de Lisboa, iniciou os estudos musicais com cinco anos. Frequentou o curso de Piano do Instituto Gregoriano de Lisboa, onde estudou Técnica Vocal com Elsa Cortez. É licenciada em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa, na classe de Canto de Sílvia Mateus.

Apresentou-se em recital com os pianistas José Eduardo Martins, Nuno Vieira de Almeida e Luíza Gama Santos e participou em *masterclasses* orientadas por Enza Ferrari, Peter Philips e Susan Waters. É membro do Officium Ensemble e do Coro Gulbenkian. Como solista, interpretou obras de Juan Allende-Blin, J. Francisco de Lima, Henrique Oswald, Bach, Britten, Händel, James MacMillan e Mozart, Mendelssohn e Pergolesi. Em 2014, foi solista no *Te Deum* de J. Francisco de Lima com o Coro e Orquestra Gulbenkian. Em 2015, fez a estreia mundial dos *Cantos Sefardins* de Fernando Lopes-Graça com o pianista José Eduardo Martins, na Unibes Cultural, em São Paulo. Nesse ano, atuou também no concerto de solistas do Coro Gulbenkian, na Igreja de São Roque. Em 2016, integrou o elenco da ópera *Les Dialogues des Carmélites*, de Poulenc, no Teatro Nacional de São Carlos, sob a direção de João Paulo Santos.



Joly Braga Santos



David Mourão Ferreira



Natália Correia



Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública



António Costa . Direção musical



Coro Sinfónico Lisboa Cantat (CSLC)



Jorge C. Alves . Direção do coro



Fernando Gomes . Encenação



Nicolás Isasi
Ass. de encenação



Catarina Moreira . Coreografia



Escola de Dança do Conservatório Nacional, ensaio de “Dom Garcia” 2024



Luís Vieira-Baptista . Elementos cénicos



Maria Gonzaga . Figurinos



José Raposo . Ator



Mário Redondo . Ator



Leonor Seixas . Atriz



Sara Belo . Atriz



Ricardo Raposo . Ator



Pedro Saavedra . Ator



Mariana Pereira . Atriz



Marco Alves dos Santos . Tenor



Bárbara Barradas . Soprano



Filipa Passos . Soprano



Sara Afonso . Soprano



Rita Morão Tavares . Contralto

JÁ A SEGUIR
12 E 13 JULHO

Relative Calm **Lucinda Childs/Robert Wilson** **Festival de Almada**

O espetáculo *Relative Calm* é reinventado pelo encenador Robert Wilson e pela coreógrafa Lucinda Childs mais de 40 anos após a sua criação original. A obra, originalmente criada em 1981 após o sucesso de *Einstein on the Beach*, ganha nova vida com novos cenários, luzes e estrutura. O espetáculo, em três atos, agora conta com música de Jon Gibson, John Adams e Igor Stravinsky, tendo como núcleo a obra *Pulcinella*, estreada pelos Ballets Russes em 1920. O MP3 Dance Project e o performer Aleksander Asparuhov juntam-se para explorar repetição, variação e (des)sincronização, entrelaçando movimento e vídeo. É uma reativação da memória por duas lendas da cena artística dos EUA.

Projeto de Change Performing Arts

Em coprodução com **Fondazione Musica Per Roma, Teatro Comunale Di Bologna, Théâtre Garonne Toulouse, La Villette Paris, Lac Lugano Arte e Cultura, Teatro Stabile Di Bolzano, Le Parvis Tarbes Pyrénées**
Coapresentação **Centro Cultural de Belém, Festival de Almada**

Sexta, 21h00

Sábado, 19h00

Grande Auditório

M/16

Coapresentação Centro Cultural de Belém, Festival de Almada

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA:



COFINANCIADO POR

